

# Elementos epistemológicos, categorias de análise e pares dialéticos para a compreensão do espaço e do território na obra de Milton Santos

*Leandro Reginaldo Maximino Lelis*  
Instituto Federal do Pará - IFPA  
sukko51@hotmail.com

---

**Resumo:** Este artigo objetiva, a partir de uma revisão bibliográfica acerca de algumas obras de Milton Santos, apresentar e discutir a respeito de elementos epistemológicos, categorias de análise e pares dialéticos importantes para a compreensão do espaço e do território na obra deste geógrafo brasileiro. A partir do material selecionado foi possível notar que Milton Santos, ao longo de sua trajetória acadêmica e intelectual, forneceu a Geografia uma base teórica e metodológica importante, principalmente para a compreensão da realidade dos países do Hemisfério Sul.

**Palavras-chave:** Milton Santos. Elementos epistemológicos. Espaço. Território.

---

## Introdução

Encontrar uma única definição para os conceitos de território ou espaço é uma tarefa muito complexa. Dentro do próprio pensamento de Milton Santos, no decorrer de sua trajetória acadêmica e intelectual, estes conceitos passaram por modificações em suas respectivas definições. Ao longo de sua trajetória acadêmica e intelectual, o autor citado, além de se preocupar com a definição de tais conceitos, também buscava fornecer elementos que viabilizassem a operacionalização e compreensão do espaço e do território, como as categorias de análise e os pares dialéticos.

Neste contexto, este artigo objetiva, a partir de uma revisão bibliográfica acerca de algumas obras de Milton Santos, apresentar elementos epistemológicos, categorias de análise e pares dialéticos importantes para a compreensão do espaço e do território na obra deste geógrafo brasileiro. Sabendo da grandiosidade da obra, que mereceria anos de estudos para ser compreendida, apenas alguns elementos, categorias e pares dialéticos, que julgamos estarem entre os mais importantes para a compreensão da obra do autor estudado, foram selecionados para serem analisados neste artigo.

## **O espaço e o território na obra de Milton Santos**

A definição do conceito de espaço passou por modificações no decorrer da trajetória acadêmica e intelectual de Milton Santos. Em “Metamorfoses do espaço habitado”, cuja primeira edição foi lançada em 1988, Santos compreendia o espaço como um conjunto de fixos e fluxos. Para Santos, os fixos podem ser naturais ou artificiais. No entanto, no atual estágio do meio técnico-científico-informacional, os fixos são cada vez mais artificiais e fixados ao solo. Os elementos fixos possibilitam ações que alteram o lugar, além de renovar e/ou criar novos fluxos (SANTOS, 2006).

Os fixos são sociais, econômicos, culturais, esportivos, religiosos etc. Locais de prestação de serviços, pontos produtivos, bancos, hospitais, igrejas, escolas, estádios, praças, entre outros, configuram-se como fixos. Os fixos também podem ser divididos em públicos e privados (SANTOS, 2007).

Os fluxos, por sua vez, “[...] são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também, se modificam” (SANTOS, 2006, p. 38). No atual período, os fluxos são cada vez mais rápidos, amplos e numerosos. De acordo com Santos (2006), os fluxos dependem dos fixos. Por isso, falar que o espaço está cada vez mais líquido é um erro, já que os fluxos necessitam da fixidez para sua realização.

No período atual, marcado pelo meio técnico-científico-informacional, Santos (1997) aponta que os fixos continuam com importância muito grande. O autor também aponta que a circulação também ganhou notoriedade, principalmente em virtude da possibilidade de internacionalização do produto. No passado, os produtos ficavam restritos ao mercado local e regional. Hoje em dia, em decorrência do desenvolvimento dos meios de transportes e das telecomunicações, os produtos podem ser exportados com maior frequência para lugares distantes, extrapolando as fronteiras nacionais. Com isso, “[...] a necessidade de acumulação se agravou e por conseguinte a circulação ganhou ritmo frenético. Quem menos tem poder de movimento mais depressa vê desvalorizar-se seu produto e seu meio de trabalho” (SANTOS, 1997, p. 79).

Para Milton Santos (1997), por meio dos fixos é possível apreender a respeito do processo de trabalho, enquanto os fluxos ajudam na compreensão dos fenômenos de distribuição e consumo. Desse modo, os fixos e fluxos são elementos importantes para o estudo das categorias clássicas (produção, circulação, distribuição e consumo).

Santos (1997) afirma que cada fixo surge com características técnicas e organizacionais próprias, fazendo com que cada tipo de fixo possua uma tipologia de

fluxos. Assim, “fixos e fluxos interagem e se alteram mutuamente” (SANTOS, 1997, p. 78). Ainda conforme Santos (1997), um fixo é um objeto técnico, mas, em virtude dos fluxos, ele também se torna um objeto social.

No livro “Técnica, espaço e tempo” (1994), Milton Santos sinaliza para o espaço como sistema de objetos e sistemas de ações. Ideia reforçada no livro “A natureza do espaço”, publicado pela primeira vez em 1996. De acordo com Santos (2006, p. 39): “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.

Inicialmente, é necessário entender a distinção entre objeto e coisa. Para Milton Santos (2006), o objeto é produto da ação do homem, ou seja, é criado a partir de uma intenção, enquanto uma coisa possui origem natural. Segundo o autor, no período em que ele identifica como meio natural, as coisas predominavam no espaço. Entretanto, no período atual – meio técnico-científico-informacional – os objetos são predominantes no espaço. Ainda conforme Santos (2006, p. 41), no período atual, “[...] a natureza se transforma em um verdadeiro sistema de objetos e não mais de coisas e, ironicamente, é o próprio movimento ecológico que completa o processo de desnaturalização da natureza, dando a esta última um valor”.

No que se refere à ação, pode-se dizer que ela é carregada de propósito, de intencionalidade. As ações tem origem no pensamento do homem e proporcionam mudanças. A partir das ações objetos são criados ou modificados. Mas não são apenas os objetos que sofrem mudanças, pois o próprio homem também acaba mudando em função de suas ações. No período atual, em que o meio tende a ser cada vez mais artificial, as ações tendem a serem estranhas ao homem e ao lugar, pois visam atender a lógica da globalização (SANTOS, 2006).

Cada novo momento é constituído de novos sistemas de objetos e novos sistemas de ações. Os novos sistemas de objetos e ações tendem a ser cada vez mais produtivos, além de estarem ligados ao poder hegemônico (SANTOS, 2006). Nesse sentido, conforme Santos (2006, p. 62): “os novos sistemas de objetos põem-se à disposição das forças sociais mais poderosas, quando não são deliberadamente produzidos para o seu exercício. Ações novas podem dar-se sobre velhos objetos, mas sua eficácia é, assim, limitada”.

Para Santos (2006), a análise dos sistemas de objetos contribui para a compreensão das forças produtivas, enquanto a análise do sistema de ações proporciona o entendimento das relações sociais de produção. No entanto, partindo do princípio da

totalidade, essas relações não podem ser consideradas separadamente, tendo em vista que elas são interdependentes.

No que se refere ao território, Moraes (2013) afirma que, nos primeiros trabalhos de Milton Santos, este conceito era pouco utilizado e quando utilizado possuía sentido demarcatório. Todavia, no decorrer de sua trajetória intelectual, o conceito de território foi ganhando espaço em suas obras, adquirindo um conteúdo mais denso e específico.

Para Santos (2005), antes era o Estado que definia os lugares, pois o território era subordinado ao Estado. Para o autor supracitado, no passado, o território era a base do Estado-nação. Além disso, era o próprio Estado que moldava o território, numa clara visão de que não havia outros agentes na produção do território. No entanto, essa noção antiga foi evoluída, passando de uma noção de Estado Territorial para a de transnacionalização do território. Desta maneira, o território atualmente é marcado pela interdependência universal dos lugares.

Santos (2005) alerta que apesar da atual característica transnacional do território, nem todo território é transnacional, assim como no passado nem todo território era estatizado. Isso acontece porque “mesmo nos lugares onde os vetores da mundialização são mais operantes e eficazes, o território habitado cria novas sinergias e acaba por impor, ao mundo, uma revanche” (SANTOS, 2005, p. 255). Assim, o território não é influenciado apenas pela lógica global, mas também pelos interesses locais.

De acordo com Santos (2005), o território é formado por objetos técnicos e ações normatizadas e está cada vez mais marcado pela fluidez. São estas características que possibilitam encontrar novos recortes territoriais, que são resultados “[...] da nova construção do espaço e do novo funcionamento do território [...]” (SANTOS, 2005, p. 256).

O conceito de território passou por modificações no decorrer da história do pensamento geográfico. Se nas concepções clássicas, o território era tratado como sinônimo da área de um Estado, atualmente entende-se que este conceito possui uma complexidade maior.

Apesar do conceito de território ser importante para a compreensão do espaço geográfico, Santos (2005) aponta que é necessário levar em consideração o uso do território, pois são as diferentes formas de usar o território que geram as grandes contradições do mundo contemporâneo. Assim, o autor propõe a noção de “território usado”, tendo em conta que “é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto de análise social” (SANTOS, 2005, p. 255).

Milton Santos vai afirmar que o território usado é sinônimo de espaço geográfico. Nesse sentido, Santos (2005, p. 255) afirma que “o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado”. Por isso, para o autor, a noção de território usado é fundamental para a compreensão do mundo contemporâneo marcado pela globalização.

### **Categorias de análise, elementos epistemológicos e pares dialéticos para a compreensão do espaço e do território na obra de Milton Santos**

Apesar de escrever inicialmente, em suas primeiras obras, que o espaço não poderia ser compreendido apenas a partir da soma de suas partes, Milton Santos passou a admitir a possibilidade de dividi-lo em partes. Assim, no livro “Espaço e método” (1985), o autor reforçou que a interpretação do espaço deveria ocorrer a partir de quatro categorias de análise: forma, função, processo e estrutura; evidenciando que, além de buscar uma definição teórica de espaço, o autor também se preocupava com a operacionalização do conceito. Estas categorias, todavia, considerando o espaço como totalidade, não poderiam ser analisadas de forma isolada, pois elas são inter-relacionadas e ocorrem de forma simultânea.

[...] forma, função, processo e estrutura devem ser estudados concomitantemente e vistos na maneira como interagem para criar e moldar o espaço através do tempo. A descrição não pode negligenciar nenhum dos componentes de uma situação. Só se pode compreender plenamente cada um deles na medida em que funciona no interior da estrutura total, e esta, na qualidade de uma complexa rede de interações, é maior que a mera composição das partes (SANTOS, 2014, p. 71).

As quatro categorias de análise, utilizadas isoladamente, representam realidades limitadas e parciais. Todavia, quando consideradas em conjunto e relacionadas entre si, “[...] constroem uma base teórica e metodológica a partir da qual podemos discutir os fenômenos espaciais em totalidade” (SANTOS, 2014, p. 71). Apenas por meio da utilização simultânea das quatro categorias é possível compreender a “[...] totalidade em seu movimento” (SANTOS, 2014, p. 71). Assim, estas categorias possibilitam a compreensão da totalidade a partir da ação dos elementos do espaço (os homens, as firmas, as instituições, o meio ecológico e as infraestruturas). Conforme o pensamento de Milton Santos, as quatro categorias são importantes para a análise geográfica do espaço e, por consequência, auxiliam na compreensão do território.

Para Santos (2014), a forma é o que pode ser visto, é o aspecto visível dos objetos. Os objetos podem ser vistos de forma isolada ou em conjunto formando um padrão espacial. Esses objetos e arranjos de objetos podem ser casas, condomínios, bairros, parques, indústrias etc. A forma pode executar uma ou mais funções. Apesar de governadas pelo presente, as formas não podem ignorar o seu passado, pois este continua a ser componente das formas.

De acordo com Santos (2014), a forma é um resultado e um fator social. A forma é criada inicialmente para executar determinada função, mas como a sociedade é dinâmica, a forma pode ter sua função alterada para atender aos interesses da sociedade. Nesse sentido, as rugosidades, ou seja, as formas remanescentes de momentos anteriores estão presentes no espaço. Isso porque as mudanças impostas pela sociedade não eliminam as formas existentes. Deste modo, por mais moderna que uma sociedade seja, por mais formas modernas que sejam criadas, as formas antigas permanecerão. “Assim sendo, resta-nos tão-somente uma mistura de formas novas e velhas, de estruturas criando novas formas mais adequadas para cumprirem novas funções ou se adequando a formas velhas, criadas em instâncias já passadas” (SANTOS, 2014, p. 75).

A função está relacionada à tarefa ou atividade que o objeto criado desempenha. Pode ser ligada ao comércio, à moradia, etc. A função dá sentido à forma. Um objeto não existe sem função. Do mesmo modo, uma função não pode ser desempenhada sem a forma. Por isso, ambas possuem estreita relação e não podem ser vistas isoladamente.

Todo objeto é criado com uma intencionalidade. Assim, os objetos são pensados e criados para uma determinada função. De acordo com Milton Santos, atualmente, a intencionalidade está cada vez mais presente nos objetos, fazendo com que esses sejam cada vez mais precisos e específicos. No entanto, a função inicial de um objeto pode ser alterada com o decorrer do tempo, dependendo do objeto criado.

Um imóvel construído para ser inicialmente uma residência, ou seja, destinado para ser um local de moradia, pode, com o tempo, ter sua função alterada e passar a ser utilizado com função comercial, por exemplo. Tal situação acontece com maior frequência nos imóveis construídos nas áreas centrais das cidades, que podem ser transformados, por exemplo, em consultórios, empresas de assistência técnica, dentre outros.

Outro exemplo de refuncionalização é o de algumas estações ferroviárias do interior do estado de São Paulo. Inicialmente, as estações foram concebidas para atender a função comercial e foram muito importantes, principalmente, no período de expansão do café para o oeste, em um período conhecido como “Marcha para o Oeste” (MONBEIG,

1979). Durante décadas as estações foram utilizadas com o viés comercial, todavia, em função do declínio da atividade cafeeira no oeste do estado de São Paulo, com a ampliação do transporte rodoviário, entre outros fatores, as ferrovias e, conseqüentemente, as estações ferroviárias, foram abandonadas durante anos. Em virtude do abandono, as estações foram ocupadas por mendigos, pelo tráfico de drogas. Os diversos problemas gerados pelo abandono das estações tiveram fim quando as estações foram revitalizadas e transformadas em centros culturais. Assim, diversas estações tiveram suas funções alteradas, passando de uma função comercial para uma função cultural.

O processo é definido como uma ação que ocorre de forma contínua, buscando algum resultado. O processo demanda tempo e culmina em mudanças. O processo, desta forma, é movimento, é dinâmico. Ele é inerente ao espaço, pois este está em constante movimento, pois as formas, as funções e as estruturas são constantemente alteradas para atender ao âmbito social e econômico. A análise dos processos em conjunto é fundamental na pesquisa geográfica, pois permite a compreensão do espaço enquanto totalidade (SANTOS, 2014).

A estrutura relaciona-se ao modo de organização ou construção; a inter-relação existente entre as partes de um todo. Inclui os aspectos visíveis e invisíveis das funções e das formas. Existem diferentes tipos de estrutura, que podem ser naturais e artificiais. No entanto, ambas podem evoluir e “[...] as formas naturais podem tornar-se sociais” (SANTOS, 2014, p. 70). Cada lugar possui uma estrutura espacial particular, resultado da interação de diversas estruturas.

Para Santos (2014), a estrutura espacial de um lugar é resultado da combinação e articulação da estrutura demográfica, da estrutura de produção, da estrutura de renda, da estrutura de consumo, da estrutura de classes sociais “[...] e de um arranjo específico de técnicas produtivas e organizativas utilizadas por aquelas estruturas e que definem as relações entre os recursos presentes” (2014, p. 29). Destarte, buscando compreender o espaço enquanto totalidade, as estruturas devem ser analisadas em conjunto, a partir das inter-relações estabelecidas entre elas.

No livro “Técnica, espaço e tempo” (1994), além de sinalizar para o espaço como conjunto de sistemas de objetos e sistemas de ações, Santos consolida a técnica como elemento fundamental em sua epistemologia do espaço. Segundo Santos (2006), a técnica foi negligenciada por alguns autores em virtude de não considerarem sua relação com o espaço. Ainda conforme o autor, muitos estudos analisam a técnica como se ela “[...] não fosse parte do território, um elemento de sua constituição e da sua transformação” (SANTOS, 2006, p. 16).

De acordo com Santos (2006, p. 16), a técnica é a principal forma de relação “[...]” entre o homem e a natureza, ou melhor, entre o homem e o meio “[...]”. As técnicas estão presentes no cotidiano dos seres humanos desde que estes existem, já que tiveram de desenvolver técnicas para sobreviver. É claro que, inicialmente, as técnicas eram rudimentares e pouco desenvolvidas. No entanto, pode-se dizer foram essas técnicas que deram origem as técnicas modernas atuais. Assim, é por meio das técnicas que o homem realiza sua vida e produz e cria o espaço (SANTOS, 2006). Entretanto, Santos (2006) alerta que: “essa forma de ver a técnica não é, todavia, completamente explorada”, pois como citado anteriormente, muitos autores negligenciam a relação entre a técnica e o espaço.

Santos (2006) aponta que, funcionando como sistemas, as técnicas caracterizam as diversas épocas. Além disso, as técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais que devem ser vistas nos seus aspectos materiais e imateriais, onde o humano e o não humano são inseparáveis. Essa visão a respeito da “[...]” técnica permite empiricizar o tempo e se encontra com a noção de meio geográfico” (SANTOS, 2006, p. 14).

Para Milton Santos a técnica é um elemento importante para a compreensão e periodização do espaço. É nesse sentido que o autor propõe a existência de três meios geográficos: o meio natural (ou pré-técnico), o meio técnico e o meio técnico-científico-informacional (SANTOS, 1994). Milton Santos assevera que o meio técnico-científico-informacional é um elemento fundamental para explicar os impactos gerados pela globalização no território.

Conforme Santos (2006), para que a técnica possa servir como base para uma explicação geográfica é necessário, primeiramente, considerá-la como um meio. Ainda segundo a análise de Santos (2006), as técnicas não seriam representadas apenas pelos objetos fabricados. Para o autor, até mesmo os objetos naturais “[...]” poderiam ser incluídos entre os objetos técnicos, se é considerado o critério do uso possível” (SANTOS, 2006, p. 22). Ou seja, para o autor, se o objeto natural possui um uso possível que interessa a sociedade, ele pode ser considerado um objeto técnico.

No contexto atual, os objetos técnicos, cada vez mais modernos e especializados, também estão cada vez mais incluídos num conjunto de operações, ou seja, num sistema que só funciona perfeitamente em conjunto. Nesse contexto, Santos (2006, p. 23) escreve que “[...]” a hipertelia do objeto técnico concreto se torna condicionada”. Assim, conforme o autor, os objetos estão cada vez mais presos a um sistema, estão cada vez mais integrados a uma “rede de pertencimento”, ao “acontecer solidário”, onde um objeto depende do outro para alcançar seu funcionamento perfeito. Nesse sentido, conforme



Santos (2006, p. 27), “[...] a técnica é um elemento importante de explicação da sociedade e dos lugares, mas, sozinha, a técnica não explica nada”.

O celular mais moderno, com a tecnologia mais avançada, por exemplo, não poderá exercer todas as suas funções perfeitamente sem os computadores, sem a internet, sem o sinal emitido pelas torres de transmissão etc. Desse modo, para Santos (2006), apesar das vocações originais dos objetos técnicos, é o espaço que determina os objetos, “[...] ao incluí-los num conjunto coerente onde a contiguidade obriga a agir em conjunto e solidariamente” (SANTOS, 2006, p. 24).

Pautado em Simondon (1958), Santos (2006, p. 23) assevera que essa característica de dependência e inter-relação entre os objetos, diferencia os objetos mais modernos, denominados “objetos técnicos concretos” e os objetos “[...] típicos das primeiras fases da história humana”, denominados “objetos abstratos”.

O "objeto abstrato", lembra Thierry Gaudin (1978, p. 31), é formado pela justaposição de componentes que exercem, cada qual, uma só função abstrata, ao passo que, no objeto concreto, cada elemento se integra no todo e à medida que o objeto se torna mais concreto, cada qual de suas partes colabora mais intimamente com as outras, tendendo a se reunir em uma mesma forma (SANTOS, 2006, p. 23).

Ainda se baseando em Simondon (1958), Santos (2006) afirma que quanto mais técnico é o objeto mais perfeito ele é, podendo “[...] ser mais perfeito que a própria natureza” (SANTOS, 2006, p. 23). Nesse sentido, o objeto torna-se mais imperfeito em virtude de sua pouca densidade técnica e de sua proximidade em relação à natureza.

Santos (2006) também alerta que a difusão dos objetos técnicos não ocorre de forma homogênea, pelo contrário, tal difusão se desenvolve de maneira extremamente desigual “[...] na história e no território, no tempo e no espaço” (SANTOS, 2006, p. 22). Conforme o autor, a difusão e a instalação das técnicas ocorrem de forma seletiva.

Santos (2006) aponta que a difusão das técnicas sempre foi heterogênea. O autor cita o caso dos Estados Unidos, que apesar de maior potência mundial não possui as estradas de ferro mais desenvolvidas e os serviços de correios mais velozes do mundo. Fica evidente que a propagação desigual das técnicas ocorre até mesmo entre os países mais desenvolvidos e em todas as escalas, seja global, nacional, regional ou local. É essa propagação desigual um dos fatores que possibilita a coexistência de sistemas técnicos novos e antigos num mesmo território.

Na escala global, pode-se dizer que as desigualdades existentes atualmente ocorrem, dentre outros fatores, em decorrência da concentração das técnicas desenvolvidas durante a 1ª Revolução Industrial. As técnicas ficaram concentradas nos

países do Norte, sobretudo, nos países da Europa. Deste modo, essa concentração explica muito das desigualdades sociais e econômicas atuais existentes entre os países do Norte e os países do Sul. É evidente que este não é o único fator que explica tal desigualdade, no entanto, pode ser considerado um fator importante.

Na escala nacional, a propagação desigual das técnicas pelo território brasileiro também pode ser considerada como um dos principais fatores das diferenças existentes entre a região Concentrada e as demais regiões brasileiras. Enquanto nesta região os objetos técnicos foram incorporados há mais tempo e em maior número, difundindo-se, por consequência, por uma porção maior do território, nas outras regiões, os objetos técnicos foram incorporados em uma quantidade menor, atingindo porções menores do território. Como o próprio nome menciona, a região Concentrada possui densidade técnica superior a das outras regiões, concentrando número atividades com maior emprego de capital, tecnologia, ciência e informação.

O agronegócio e os assentamentos da reforma agrária podem ser utilizados como exemplo da difusão desigual das técnicas nas escalas regional e local. Enquanto as atividades desenvolvidas pelo agronegócio contam com técnicas cada vez mais modernas, os camponeses assentados dispõem, na grande maioria dos casos, de técnicas pouco desenvolvidas. A monocultura da soja, extremamente ligada ao agronegócio, por exemplo, é profundamente marcada pelo incremento da ciência e da tecnologia, que vão desde as pesquisas que visam o melhoramento genético vegetal da soja até a utilização de maquinários cada vez mais modernos durante a colheita. Entretanto, nos assentamentos vizinhos das fazendas produtoras de soja, esse aparato técnico e científico não está disponível durante o processo produtivo, fazendo com que técnicas novas e antigas coabitem no espaço.

Vale salientar que, em alguns casos, como no processo de produção do fumo no Sul do Brasil, técnicas novas e antigas fazem parte do processo produtivo deste tipo de agronegócio. Isso porque, esse tipo de agronegócio utiliza a mão de obra familiar para a produção da matéria-prima, o tabaco (*Nicotiana tabacum*). Destarte, a matéria-prima é produzida sem a utilização de muitas técnicas nas unidades camponesas de produção, todavia, quando ela vai para as agroindústrias passa por processos tecnificados até chegar ao produto final (cigarro, charuto etc).

Em “O retorno do território”, trabalho publicado pela primeira vez em 1993, Milton Santos apresenta um par dialético importante para a compreensão do espaço geográfico: as horizontalidades e as verticalidades. Em “A natureza do espaço”, Santos destina um breve capítulo a respeito deste par dialético, que, segundo o autor, é

fundamental para a compreensão da nova realidade encontrada no território, marcado cada vez mais pela transnacionalização.

As horizontalidades são os espaços de contiguidade, normalmente ligado a uma dinâmica local ou regional, enquanto as verticalidades são pontos interligados, importantes para o funcionamento da economia global. As verticalidades possuem normas rígidas e egoístas, privilegiando o poder hegemônico. As horizontalidades, por sua vez, “[...] levam em conta a totalidade dos atores e das ações” (SANTOS, 2006, p. 175). Apesar de distintas, as horizontalidades e as verticalidades são simultâneas e inseparáveis (SANTOS, 2006).

Como produto da ação da economia mundial, as verticalidades possuem papel regulador importante em todas as escalas geográficas, todavia, apesar dessa importância, ainda existe espaço para as horizontalidades. Enquanto as verticalidades contribuem para a difusão do processo de globalização perversa que vigora atualmente, as horizontalidades possibilitam uma nova perspectiva de globalização, contrária a globalização perversa que predomina no mundo contemporâneo (SANTOS, 2006).

No campo, por exemplo, as verticalidades são representadas pelo agronegócio, enquanto as horizontalidades são expressas por meio dos agricultores familiares. O agronegócio possui ligação estreita com o mercado global, pois boa parte de sua produção é destinada ao mercado externo. Assim, uma fazenda produtora de soja em grande escala, no estado de Goiás ou de qualquer outra parte do país, pode possuir ligação maior com uma cidade de outro país do que com uma cidade há poucos quilômetros de distância. Isso porque, entre outros fatores, boa parte de sua produção é destinada ao mercado externo. A agricultura de base familiar é diferente. Apesar de sofrer influência do processo de globalização, a propriedade familiar possui maior relação com o seu entorno, pois sua produção é destinada ao mercado local e regional.

Em virtude dos constantes embates, as verticalidades e as horizontalidades dão forma ao jogo entre o global e o local. Nesse sentido, conforme o pensamento de Milton Santos, no momento atual, o global e o local, ou seja, o mundo e o lugar são considerados como um par inseparável.

Milton Santos (2005) associa as noções de horizontalidade e verticalidade à ideia de espaço banal, formulada por François Perroux. Este é o espaço onde tudo está contemplado. É o espaço onde ocorrem os diversos e diferentes fluxos e caracteriza-se por abrigar todos os homens – ricos e pobres, os que mandam e os que não mandam etc –, todas as firmas – grandes e pequenas, nacionais e multinacionais etc –, todas as organizações, de todas as esferas e escalas, e todas as ações. Assim, conforme este

conceito, todos estão no espaço e pertencem a ele. Todos são responsáveis por dar vida às formas espaciais, por tornar o espaço dinâmico. É nesse espaço que a vida coletiva se realiza. E é essa vida coletiva a responsável pelos sistemas de objetos e sistemas de ações que compõem o espaço.

De acordo com Santos (2005), a ideia de espaço banal se contrapõe a noção de rede. Conforme o autor (SANTOS, 2005, p. 256), “as redes constituem uma realidade nova que, de alguma maneira, justifica a expressão verticalidade”, no entanto, esta não é a única lógica que rege o território, pois ele também é formado por lugares contíguos. Portanto, as redes não são a única realidade presente no território, pelo contrário, são “[...] apenas uma parte do espaço e o espaço de alguns” (SANTOS, 2005, p. 256). Ainda segundo Santos (2005, p. 256), são “[...] os mesmos lugares que formam redes e que formam o espaço banal”. Deste modo, o território possui lógicas divergentes, mas que se interagem e são simultâneas, fazendo parte de uma dialética que dá forma ao território.

No livro “O Brasil: território e sociedade no início do século XXI”, Santos, em parceria com Maria Laura Silveira, apresentam outros pares dialéticos para a compreensão das diferenciações territoriais: espaços da rapidez e espaços da lentidão; espaços que mandam e espaços que obedecem; fluidez e viscosidade; zonas de densidade e de rarefação; e, espaços luminosos e espaços opacos<sup>1</sup>, par dialético escolhido para ser brevemente apresentado neste artigo.

Os espaços luminosos acumulam maiores densidades técnicas e informacionais, estando mais propícios a receberem “[...] atividades com maior conteúdo em capital, tecnologia e organização” (SANTOS; SILVEIRA, 2008, p. 264). Santos e Silveira (2008) ainda apontam que os espaços luminosos, em função de suas características técnicas e políticas, são mais passíveis de obedecer aos interesses das grandes empresas.

Em “A natureza do espaço”, ainda se referindo às zonas luminosas, Santos (2006) afirma que estas são expressões da modernidade globalizadora, sendo caracterizadas por “[...] várias modalidades de intercâmbio e múltiplas formas de distribuição e de consumo, segundo níveis de capital, de trabalho, de informação e de organização” (SANTOS, 2006, p. 210).

Os espaços luminosos podem ser considerados como resultados da racionalidade hegemônica. Contrapondo essa racionalidade existem os espaços opacos, que seriam a contra-racionalidade. Os espaços opacos seriam então as áreas ocupadas pelos pobres, pelas minorias, pelos excluídos; isso do ponto de vista social. Do ponto de vista

---

<sup>1</sup> Vale salientar que, em “A natureza do espaço” (1996), Santos já escrevia a respeito dos espaços luminosos e dos espaços opacos. No entanto, naquele livro, o autor ainda se referia a zonas luminosas e zonas opacas.

econômico, os espaços opacos referem-se às atividades marginais, informais e tradicionais. Destarte, estes espaços são caracterizados como áreas menos modernas (SANTOS, 2006). Os espaços opacos, desta forma, são os espaços desprovidos das características presentes nos espaços luminosos (SANTOS; SILVEIRA, 2008).

Vale salientar que para Santos (2006, p. 210):

O que muitos consideram, adjetivamente, como "irracionalidade" e, dialeticamente, como "contra-racionalidade", constitui, na verdade, e substancialmente, outras formas de racionalidade, racionalidades paralelas, divergentes e convergentes ao mesmo tempo.

Essa visão de Santos (2006) corrobora o pensamento do autor ao longo de sua trajetória ao defender uma epistemologia do sul (DANTAS, 2014), ou seja, voltada para os países periféricos. Para Milton Santos, a única possibilidade não é a europeia, a norte-americana, pois o sul tem suas especificidades, que devem ser levadas em consideração. Pensando por este ponto de vista, é correto defender que existe uma outra racionalidade, com outros objetivos e significados, e não uma contra-racionalidade (SANTOS, 2006).

Buscando realizar um exercício no intuito de operacionalizar esse par dialético proposto por Santos e Silveira (2008), nota-se que os espaços luminosos e os espaços opacos podem servir para a compreensão do território em diversas escalas. O mundo, um continente, um país, um estado, uma região, uma cidade etc. podem possuir espaços luminosos e espaços opacos.

No caso do estado de São Paulo, por exemplo, a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), apesar de não ser homogênea, pode ser considerada como um espaço luminoso, pois é dotada de uma infraestrutura técnica e informacional maior. Em virtude destas características, esta região atrai atividades com maior conteúdo de capital, ciência, tecnologia e organização. Enquanto isso, o extremo oeste do estado, mais precisamente o Pontal do Paranapanema, pode ser considerado como exemplo de espaço opaco, em virtude da ausência de infraestrutura técnica e informacional. Por consequência, esta região não atrai tantas atividades com grande densidade de capital, ciência e tecnologia, tornando-a uma das regiões mais pobres e com menor concentração de atividades com grande densidade técnica do estado de São Paulo.

## Considerações finais

O espaço sempre foi fundamental para Milton Santos, pois o considerava como o objeto da geografia. Assim, ao longo de sua trajetória acadêmica e intelectual, Milton Santos formulou e reformulou seu pensamento a respeito de espaço com o intuito de construir uma epistemologia do espaço, sempre o considerando como estância social e devendo ser compreendido a partir da totalidade.

Em “A natureza do espaço”, Milton Santos chega a sua conceituação final sobre o espaço, afirmando que este deveria ser compreendido como sistemas de objetos e sistemas de ações, que se relacionam e estão interligados.

Embora o território estivesse sempre presente nas obras de Milton Santos, o foco era o espaço, todavia, em “O retorno do território”, Santos alerta para a importância do uso do território enquanto meio para a compreensão do mundo atual, onde os territórios são cada vez mais transnacionalizados.

No decorrer de sua trajetória acadêmica e intelectual, Milton Santos apresentou elementos epistemológicos, categorias de análise e pares dialéticos para compreensão do espaço e do território, evidenciando sua preocupação não apenas com a definição, mas também com a operacionalização e compreensão de tais conceitos. A partir desta breve revisão bibliográfica, é possível concluir que Milton Santos forneceu contribuições fundamentais para a ciência geográfica, contribuindo, principalmente, com o fornecimento de elementos fundamentais para a análise geográfica dos países periféricos do Hemisfério Sul.

---

### **Epistemological elements, categories of analysis and dialectical pairs for the understanding of space and territory in the work of Milton Santos**

**Abstract:** This article aims, as from a bibliographical review about some works by Milton Santos, to present and discuss about of epistemological elements, categories of analysis and dialectical pairs important for the understanding of space and territory in the work of this Brazilian geographer. From the material selected it was possible to verify that Milton Santos, throughout his academic and intellectual trajectory, provided Geography with an important theoretical and methodological basis, mainly for the understanding of the reality of the countries of the Southern Hemisphere.

**Keywords:** Milton Santos. Epistemological elements. Space. Territory.

### **Elementos epistemológicos, categorías de análisis y pares dialécticos para la comprensión del espacio y el territorio em la obra de Milton Santos**

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo, a partir de una revisión bibliográfica de algunas obras de Milton Santos, presentar y discutir elementos epistemológicos, categorías de análisis y pares dialécticos importantes para la comprensión del espacio y el territorio em la obra de este geógrafo brasileño. A través del material seleccionado, se pudo advertir que Milton Santos, a lo largo de su trayectoria académica e

intelectual, brindó a la Geografía una base teórica y metodológica importante, principalmente para comprender la realidad de los países del Hemisferio Sur.

**Palabras clave:** Milton Santos. Elementos epistemológicos. Espaço. Território.

---

### Referências

DANTAS, A. Geografia e epistemologia do sul na obra de Milton Santos. **Mercator**, Fortaleza, v. 13, n. 3, p. 49-61, set./dez. 2014.

MONBEIG, P. **Pioneiros e fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1984.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

\_\_\_\_\_. O retorno do território. In: **Observatorio Social de América Latina**. n. 16, jun. 2005. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

\_\_\_\_\_. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

\_\_\_\_\_. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2007.

\_\_\_\_\_. **Espaço e método**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2014.

---

### Sobre o autor

**Leandro Reginaldo Maximino Lelis** - Professor no Instituto Federal do Pará (IFPA), campus Breves. Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), campus de Três Lagoas. Licenciado e Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Presidente Prudente.

---

Recebido para avaliação em agosto de 2023

Aceito para publicação em janeiro de 2024